

Ed. 5 | Dezembro de 2023

AME SUA MENTE NA ESCOLA

Resultados qualitativos de uma
intervenção em saúde mental

Erika Lopes
Kassia Bobadilla

RESUMO

O presente texto para discussão traz os resultados do projeto Ame Sua Mente na Escola, desenvolvido e realizado pelo Instituto Ame Sua Mente, com apoio da Associação Umame, ao longo de sua testagem e implementação em escolas de Ensino Fundamental e Médio da Diretoria de Ensino (DE) Centro-Sul de São Paulo, capital. Essa iniciativa tinha como um de seus principais objetivos estabelecer e promover uma nova cultura sobre saúde mental nas escolas públicas.

O projeto caracterizou-se enquanto estratégia de intervenção focada em capacitar as equipes escolares em saúde mental, ofertando formação, materiais e conteúdos que visassem à instrumentalização dos profissionais para prevenir e manejar casos entre os alunos e a reduzir os estigmas em relação a transtornos e outras questões de saúde mental na comunidade escolar, de forma geral. Ao longo de seu ciclo de implementação de três anos, o Ame Sua Mente na Escola atingiu 67 escolas, formando mais de 300 profissionais e beneficiando indiretamente cerca de 9 mil jovens matriculados nessas unidades.

A avaliação qualitativa adotada ao longo desse período buscou coletar dados e informações sobre a realidade das escolas e o cotidiano de atuação dos profissionais, além da experiência e satisfação desses em relação ao projeto. Por meio deste “match” entre necessidades, demandas e expectativas dos participantes e adequação dos conteúdos, materiais e abordagens dos componentes do projeto foi possível manter um alinhamento e aderência do projeto em sua implementação na rede de ensino. Entre os principais resultados obtidos ao final deste período destacam-se: cerca de 87% das escolas participantes do projeto atribuem a ele um ganho médio ou alto de conhecimento em saúde mental e 82% identificam mudanças positivas na forma como o tema da saúde mental é tratado e abordado no ambiente escolar.

Palavras-chave: Saúde mental, Avaliação de programas e projetos de saúde, Educação em saúde.

SOBRE OS AUTORES:

Erika de Souza Lopes: Especialista em Monitoramento e Avaliação na Umane, Economista (PUC-SP), Mestre em Desenvolvimento Econômico (Unicamp) e Doutora em Educação (USP).

Kassia Bobadilla: Sócia-consultora da Lab & Tal, Gestora de Política Públicas (USP), Especialista em Psicossociologia da Juventude (FESPSP) e Mestre em Ciências Sociais (Unifesp).

1. INTRODUÇÃO

Implementado entre os anos de 2020-2023, o Ame Sua Mente na Escola é uma iniciativa do Instituto Ame Sua Mente (IASM) e teve apoio e financiamento do Instituto ABCD e da Associação Umame, sendo esta última a responsável pela contratação e supervisão do processo de avaliação externa do projeto. O projeto também contou com uma parceria firmada com a DE Centro-Sul que cedeu espaço para que a intervenção fosse testada e oferecida às 72 unidades escolares sob sua coordenação, bem como à sua equipe.

O desenho do projeto baseia-se assim na capacitação dos profissionais das escolas, para que detenham conhecimento e desenvolvam capacidades que lhes permitam lidar com problemas relacionados à saúde mental no contexto escolar, sobretudo, por meio da prevenção, promoção, identificação, manejo e encaminhamento de casos entre os alunos. Desde início, o projeto estrutura-se numa lógica que tem como um dos principais resultados a redução de estigmas sobre transtornos mentais entre os profissionais da escola e que busca, a partir da mudança de percepção e atitudinal das equipes, construir um ambiente escolar mais acolhedor e com uma cultura positiva de saúde mental.

Em seu ciclo de implementação de três anos, o projeto previa a expansão do atendimento a cada ano, chegando a capacitar integralmente todos os gestores e professores das escolas de Ensino Médio e Ensino Fundamental Anos Finais (EFAF) da DE Centro-Sul. Em razão da pandemia da Covid-19 e dos desdobramentos dela, o atendimento do projeto teve que ser revisto, assim como foi impactado diretamente por esta.

É inegável que a pandemia colocou a pauta da saúde mental em muito mais destaque e relevância, o que se configurou como uma janela de oportunidade para que o projeto ganhasse mais adesão por parte das equipes escolares. Nos últimos anos, as questões de saúde mental entre crianças e adolescentes vêm recebendo uma atenção maior por parte do grande público, não só por casos e situações críticas que ganham a mídia, mas porque se observa um grande aumento no caso de transtornos. Segundo a OMS, 1 em cada 5 indivíduos, apresentam problemas relacionados à saúde mental na fase da adolescência. A OMS afirma também que metade das doenças dessa categoria surge até os 14 anos e que parte dos transtornos dessa categoria não são diagnosticados e nem tratados. Além disso, só no primeiro ano da pandemia, aumentou a prevalência global de ansiedade e depressão em 25% (WHO, 2021).

Inicialmente, foi previsto que o atendimento fosse expandido não somente relativo a um ganho de escala, mas de uma maior participação de membros da equipe escolar no percurso formativo do projeto. Ou seja, a robustez do projeto se daria não somente pelo ingresso de novas escolas a cada ciclo, mas também pela ampliação dos participantes da formação nas escolas. Como trataremos a partir da análise dos resultados, a robustez do efeito do projeto na equipe escolar estaria atrelada não tão somente à formação de um profissional, mas da participação de mais membros nesse processo.

Dessa forma, no ano 1 (2020) o projeto ofereceu suporte a 10 escolas de tempo integral, em que membros do seu grupo gestor tiveram um primeiro contato com

temas atrelados à saúde mental, durante o período de suspensão das aulas presenciais nas escolas, Para isso, foram promovidas cinco rodas de conversa com o foco de sensibilizar os atores quanto a importância da discussão sobre a saúde mental no contexto escolar, oferecer orientação e apoio para as demandas relacionadas aos impactos da pandemia na saúde mental, orientações para a volta às aulas, bem como ressaltar a importância do autocuidado com a saúde mental.

Neste mesmo ano, foram realizadas lives pelo time de especialistas e convidados do IASM sobre os temas mais destacados pelos educadores, além da produção de 11 fichas informativas com conhecimentos e recomendações práticas sobre tópicos relevantes no contexto da pandemia, tais como: luto, uso excessivo de jogos eletrônicos, consumo de álcool, motivação, engajamento no aprendizado online, empatia e resiliência. Além disso, foram realizados 4 encontros formativos online sobre tópicos relacionados ao manejo do estresse, resiliência emocional, empatia, técnicas de comunicação para praticar a empatia, ansiedade, motivação no retorno às aulas presenciais, senso de propósito e pertencimento, mentalidade fixa e de crescimento. Também foram produzidos dois guias: um com orientações práticas de saúde mental em tempos de COVID-19 e outro com informações sobre autocuidado e orientações para lidar com os alunos na volta às aulas.

A capacitação, implementada a partir de 2021, o ano 2 do projeto, foi estruturada em seis módulos formativos, de periodicidade mensal e duração de duas horas cada. Os encontros foram realizados online via plataforma Zoom. Esses seis módulos e seus conteúdos também organizaram e orientaram outras ferramentas e materiais de apoio aos profissionais, como por exemplo, a plataforma do curso, a apostila do cursista e até mesmo os temas das edições do podcast do Instituto. Os episódios ficaram disponíveis no site do projeto, por meio do link: <https://www.amesuamentenasescolas.org.br/podcasts>, como também nas principais plataformas de streaming.

Foram também produzidas novas 11 fichas informativas, as quais foram adaptadas e publicadas no site já mencionado no formato de audiobook, com o objetivo de facilitar o acesso a seus conteúdos. Já os materiais produzidos em 2020, como os guias de saúde mental, fichas informativas e lives no Youtube seguiram sendo disponibilizados às novas escolas ingressantes.

A cada ciclo, mantinham-se as ações de apoio às escolas participantes, de forma assíncrona, via e-mail, contato telefônico e plataforma digital, para aqueles interessados em esclarecer dúvidas e obter orientação em relação aos temas abordados, demandas e problemas relacionados à saúde mental vivenciados pela escola. Essa ação também buscou auxiliar a implementação do protocolo de encaminhamento desenvolvido pelo IASM, lançado ao final de 2022.

Na plataforma online eram disponibilizados os conteúdos por módulo e vídeos dos especialistas discorrendo sobre os temas, espaço em que foi criado também uma área específica contendo um protocolo de encaminhamento de casos de SM, revisado e validado em parceria com profissionais da DE. Além do documento para ser utilizado no encaminhamento de casos para serviços e profissionais de saúde e da rede psicossocial, foram disponibilizados questionários de rastreamento; vídeo tutorial em animação produzido para explicar a utilização do protocolo; informações sobre a rede de assistência disponível na cidade de São Paulo e dos principais serviços públicos do Brasil. O protocolo estabelece fluxos de ação condicionados a avaliações objetivas dos casos, gerando um guia para tomada de decisões assertivas no direcionamento de casos.

Em termos de atendimento, o ano 2 foi dividido em dois ciclos formativos, em que se expandiu a participação das escolas e também do perfil de profissionais formados, tais quais sintetizados abaixo:

- **Ciclo 1:** O primeiro ciclo, realizado entre maio e outubro, contou com **119 participantes nas formações** sen-

do: 72 gestores escolares, 27 Supervisores de Ensino e 19 PCNP (professor coordenador de núcleo) de 67 escolas da DE Centro Sul (incluindo 10 Escolas de 2020). Por solicitação da dirigente, professores de sala de aula não participaram das formações, uma vez que ficaram dedicados à volta às aulas presenciais.

- **Ciclo 2:** Realizado entre agosto e dezembro, contou com a participação **98 educadores de 27 escolas**, incluindo as 10 escolas de 2020. Todos os participantes foram indicados pela dirigente da DE Centro Sul, sendo incluídos os PEB (Professor de Educação Básica), PCA (Professor Coordenador de área), PCG (Professor Coordenador Geral), Professor de Sala de Leitura, PCAI (Professor Colaborador de Ações Inclusivas), PCP (Professor Coordenador Pedagógico), PAC (Professor de Assistência ao Currículo) e PROATEC (Professor Tecnologia e Inovação), vice-diretores e diretores.

Por fim, o ano 3 do projeto envolveu o oferecimento do ciclo 3, no primeiro semestre, e a expansão do projeto para mais escolas da rede estadual, por meio de um percurso formativo assíncrono na plataforma (sem os encontros formativos online). A avaliação qualitativa teve-se a monitorar e avaliar somente o ciclo 3 deste ano, já que este restringia-se às escolas da DE Centro-Sul, foco de todo desenho da intervenção e avaliação, inicialmente. Portanto, sobre este trataremos aqui.

O ciclo 3 foi oferecido entre março e julho de 2022, com os seis módulos já constituídos e ajustados em 2022, mas agora voltados aos professores de sala de aula. Participaram dele 102 professores de seis escolas da DE Centro Sul, as quais indicaremos na próxima seção. O formato da formação, ainda online e síncrono, diferiu-se um pouco dos ciclos anteriores. Uma vez que a carga horária de aulas não permitiria a participação de todos os professores, as formações foram realizadas no horário da ATPC (aula de trabalho pedagógico coletivo), momento em que toda equipe encontra-se reunida para planejamento e formação pedagógica na jornada escolar. Com isso, as ausências e faltas, bem como a realização de “ativida-

des paralelas” ao momento de formação foram bastante reduzidas nesse ciclo. Vale dizer que este formato de oferecimento durante o ATPC era o desejado no desenho inicial do projeto, ainda que com formação presencial, como pensando antes da pandemia.

Neste ciclo foram oferecidos os conteúdos e materiais já produzidos nos anos anteriores, acrescidos dos planos de aula, instrumentos que buscavam oferecer aos professores uma sequência de trabalho segura e assertiva para abordar o tema saúde mental com os alunos. Foram desenvolvidos 36 planos de aula (6 planos de aula por módulo, dois para cada ano escolar do ensino médio) e 6 atividades complementares que abordam o tema em alinhamento com as diretrizes da BNCC. Este material foi bastante demandado entre as sugestões dos profissionais da gestão que foram entrevistados entre os anos 1 e 2 do projeto.

Em virtude do formato de conteúdos em *podcast* ter alta adesão, foi produzida uma nova temporada denominada “Vamos Falar sobre Saúde Mental”, com 23 episódios com temas voltados para pais e cuidadores. As 22 fichas informativas e seus áudio books foram atualizados, a partir da temporalidade do projeto e das condições vivenciadas pelas escolas após o período de retorno presencial total.

Imagem 1: Ano 3 do projeto (ciclo 3) – percurso formativo

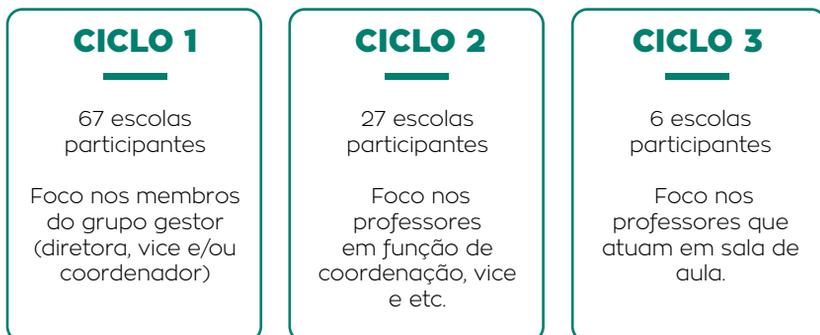


No ciclo 1, em 2021, o projeto estendeu-se a todas as 72 escolas, que poderiam aderir voluntariamente ao projeto. Dessas, 67 tiveram ao menos um membro do grupo gestor inscrito na formação. A indicação e adesão dos participantes foi bastante distinta, com escolas que tiveram ao menos três profissionais acompanhando as formações, por exemplo, enquanto em outras somente a diretora ou a vice foi inscrita.

Já no ciclo 2, o projeto foi ampliado dentro das escolas, com a inscrição de professores coordenadores no rol de participantes do projeto. Essa ampliação foi feita por meio da indicação das escolas pela dirigente da DE Centro Sul, em que já estavam previstas de participar as 10 escolas de 2020, e outras 17 foram indicadas. Somado a isso, a partir da checagem das listas de frequência, identificamos que a PCAE (Professora Coordenadora de Agrupamento Escolar) de uma unidade também acabou participando das formações do ciclo 2. Portanto, 27 escolas tiveram ao menos um profissional acompanhando as formações nesse ciclo.

No ciclo 3, mais uma vez ampliando a exposição da equipe escolar ao projeto, foram selecionadas seis escolas, as quais participaram do projeto no ciclo 1 e/ou no ciclo 2. Essas receberam o projeto para a formação de seus professores, atuantes em sala de aula, no momento de ATPC. Com exceção dos professores que possuem dupla jornada e trabalham em outras escolas, buscou-se que toda equipe de professores participasse desses seis momentos formativos do projeto. A síntese desse atendimento do projeto entre os ciclos pode ser visualizada no infográfico abaixo:

Imagem 2: Síntese dos ciclos do projeto e seu atendimento



Fonte: Instituto Ame Sua Mente

Considerando essas condições de participação, fizemos um recorte dessas escolas que estariam mais “expostas” ao projeto, seja por uma adesão maior, por virem participando de mais de um ciclo, como por terem tido mais membros de sua equipe formados pelo projeto. A essas chamamos de “escolas acompanhadas” ao longo do projeto, pois seriam aquelas cujas análises deveriam ser focadas ao término da intervenção e da avaliação. Este grupo é formado por 29 escolas que tiveram um contato maior e mais intensivo com o projeto, dentro dos parâmetros previamente mencionados.

2. METODOLOGIA

O desenho da avaliação buscou acompanhar os ciclos e temporalidades do projeto, coletando e provendo dados e informações relevantes para o constante aprimoramento da intervenção e alcance de seus resultados. Importante frisar que, dado o caráter qualitativo da avaliação, buscamos adotar abordagens e métodos que permitissem aprofundar o entendimento sobre o projeto e a experiência dos participantes neste.

Dessa forma, em 2020, a avaliação deteve um caráter diagnóstico, focando numa pequena amostra de profissionais do grupo gestor das dez escolas que estavam sendo acompanhadas no período. Para isso, adotamos o método de entrevistas individuais estruturadas e em profundidade com os participantes. Segundo Poupart (2008, p.17), a entrevista seria o principal método de pesquisa “capaz de elucidar realidade sociais, mas, principalmente, como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores”. Foi assim que passamos a compreender melhor a realidade e cotidiano das escolas, seus problemas e demandas no campo da saúde mental, bem como expectativas com o projeto.

No total, 27 profissionais foram entrevistados neste período. As diretoras das dez escolas e sete profissionais da DE, assim foram ao início do projeto e ao término das rodas de conversa realizadas; e os professores coordenadores (PCAs ou PCGs) dessas mesmas escolas, antes e depois dos encontros virtuais realizados no segundo semestre de 2020.

No ano 2, mantivemos as entrevistas individuais com os gestores, antes do início do projeto, com as 15 novas escolas que passariam a integrá-lo, como inicialmente previsto. Desse grupo, oito participaram novamente das entrevistas ao término do projeto em 2021. As entrevistas estruturadas, antes e depois, tinham um foco claro em tê-los como referência para avaliação da qualidade e satisfação com o projeto, considerando-os também “informatantes” representantes de suas escolas, compartilhando informações sobre a dinâmica dessas unidades.

Entre os ciclos 1 e 2 deste mesmo ano, realizamos três grupos focais sobre adoção e uso dos materiais produzidos no âmbito do projeto. Participaram deles profissionais da DE, diretores ou vices e professores coordenadores das escolas participantes. No total, 15 profissionais compuseram esses grupos, onde compartilharam suas percepções sobre os diversos materiais do projeto (guias, fichas, apostila, podcast, lives, etc) e conteúdos neles presentes, e de como estavam adotando ou não esses materiais para uso nas escolas.

Ao término do ano 2, a dirigente da DE e sua equipe nos indicaram alguns professores coordenadores das novas escolas participantes para a realização de dois grupos focais. Uma vez que já conhecíamos a realidade das escolas, a percepção dos gestores e sua experiência no projeto; focamos então em obter uma visão dessas mesmas dimensões dos professores em cargos de gestão e que não atuavam diretamente na docência. Esses também puderam trazer sugestões de melhorias e apontamentos para o aprimoramento do projeto. Os grupos focais foram usados no contexto da avaliação final do projeto e avaliação intermediária dos materiais,

de forma estratégica, para que num processo de interação grupal fossem desenvolvidas trocas, descobertas e opiniões sobre os materiais e o projeto, como um todo. Enquanto método, este é recomendado de ser adotado em estágios exploratórios de uma pesquisa, como por exemplo, quando se quer ampliar a compreensão e a avaliação a respeito de um projeto, programa ou serviço (RESSEL, et al, 2008).

Como parte do fechamento da avaliação do projeto Ame Sua Mente na Escola, decidimos olhar para a unidade escolar como um todo e para a atuação do professor em sala de aula, buscando identificar o que o projeto já teria gerado enquanto percepções e reflexões sobre o tema de saúde mental, como em mudanças e melhorias já vislumbradas. Uma vez que o projeto tem como principal objetivo promover uma cultura de saúde mental positiva nas escolas, por meio da formação e instrumentalização dos educadores para identificação, manejo e encaminhamento de casos entre os estudantes, a escola e a(o) professor(a) que atua em sala de aula configuraram-se como referências e unidades de análise para captar o alcance do projeto neste sentido.

Para isso, no ano 3, adotamos três estratégias de coleta: 1) Aplicação de questionário parametrizado para escolas da DE Centro-Sul; 2) Visita e observação das ações do Setembro Amarelo em uma escola e; 3) Realização de grupos focais com professores que participaram do Ciclo 3 do projeto (1º sem/2022), em que a formação foi ministrada em horário de ATPC.

A aplicação de questionário ocorreu logo após o término do ciclo 3, e a participação das 72 escolas foi voluntária, ainda que estimulada pela equipe da DE. Contamos com 53 gestores respondentes dessas escolas, correspondente a uma taxa de resposta de 73%. O questionário foi disponibilizado via Google Form e era composto de 22 questões, sendo cinco abertas. Na análise das respostas, focamos nas 29 escolas acompanhadas desde 2021, as quais englobam as 10 que ingressaram em 2020 e outras 19 que participaram dos ciclos 1 e 2 do projeto, no

ano de 2021. Por terem sido mais “expostas” ao projeto, do que as demais escolas da DE Centro Sul, estas configuraram-se como um passível “grupo de tratamento”, enquanto as demais escolas como “grupo de comparação”. E dessa forma, apresentaremos os resultados referente aos questionários com a seguinte segmentação: **escolas acompanhadas e demais escolas.**

Foi nesse período também em que foi realizada a visita de dois dias a uma das escolas que vêm participando do projeto desde 2020, e cuja diretora e equipe têm participado ativamente de debates no campo da saúde mental e convivência escolar. Essa visita foi agendada previamente com a diretora e sua vice, que orientaram quais atividades do setembro amarelo poderiam ser acompanhadas nos dias indicados da ida à escola. A partir do método de observação-participante foram feitos registros textuais e fotográficos dessas ações.

Por fim, os grupos focais realizados com alguns professores que participaram do ciclo 3 contaram com sete participantes de cinco escolas e foram realizados ao término dos módulos formativos deste ciclo.

Essas estratégias permitiram coletar dados e informações de diferentes fontes, com diferentes interlocutores e a partir de métodos distintos que pudesse compor um quadro geral do efeito do projeto em seu último ano. Essa abordagem atende os pressupostos de uma avaliação de métodos mistos, em que se destaca a triangulação, a qual contempla a “combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista” (Minayo, 2005 p. 29); a realização de pesquisas quantitativas e qualitativas; a análise do “contexto, da história, das relações, das representações [...], visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados que acompanha o trabalho de investigação” (MINAYO, 2005, p. 28- 29).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

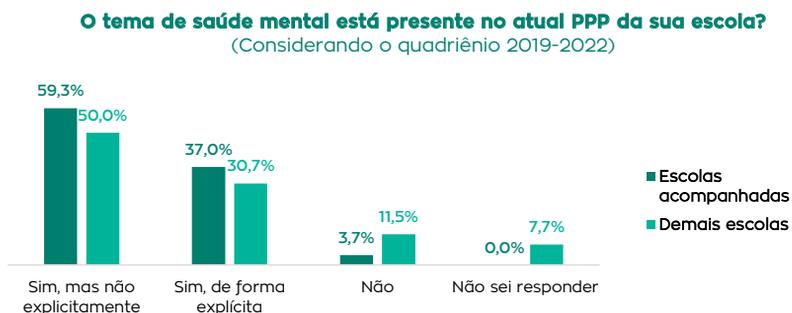
A partir dos dados obtidos por meio do questionário aplicado ao término do ciclo 3, e mediante uma análise triangular junto às entrevistas e grupos focais realizados ao longo dos ciclos do projeto, apresentamos e contextualizamos alguns resultados de destaque.

O questionário aplicado às escolas contou com 53 escolas respondentes (73,6% das 72 escolas da DE Centro Sul), das quais 45 afirmaram ter tido ao menos um integrante participando das formações do projeto em algum dos três ciclos. Na divisão estabelecida entre escolas acompanhadas e demais escolas, o primeiro grupo envolve aquelas 29 que participaram de mais de um ciclo ao longo desses três anos e contamos com 27 delas entre as respondentes. Apenas não responderam representantes de três escolas; já das demais 43 escolas da DE, 26 responderam o questionário.

Entre as funções e cargos dos representantes das 53 escolas, 75,5% (n=40) eram vice-diretores ou coordenadores de organização escolar (COE); 20% (n=11) diretores e somente 3,8% (n=2) professores coordenadores. Para avaliar a presença do tema da saúde mental nas escolas, perguntamos se este está presente no atual projeto político-pedagógico (PPP), documento de referência que elenca os principais objetivos e compromissos do trabalho da escola, com participação da equipe escolar nessa construção e que, normalmente, tem duração de quatro anos.

Entre as escolas acompanhadas, um percentual ligeiramente maior afirma que o tema está presente no PPP, na comparação com as demais escolas. Ainda assim, para ambos os grupos, metade das unidades tem a pauta de saúde mental como algo não tão explícito no documento.

Gráfico 1: Presença do tema de SM no PPP da escola



Uma vez que o projeto busca promover e fortalecer ações voltadas à promoção e prevenção da saúde mental no ambiente escolar, analisamos se essas estão presentes nas unidades. Em relação aos alunos, quase todas as escolas afirmam dirigir ações para esse público, já em relação aos membros da equipe escolar, pouco menos de 3/4 das demais afirma realizar tais ações, enquanto nas escolas acompanhadas essa proporção é de 92,6%.

Infográfico 1: Realização de ações com foco em saúde mental

Na sua escola, são realizadas ações com foco em **SAÚDE MENTAL** e que sejam voltadas:

AOS ALUNOS?



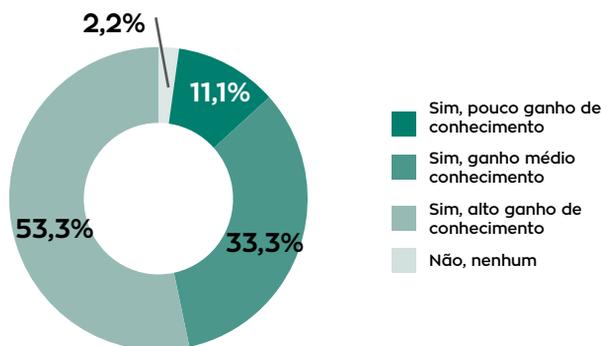
AOS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS?



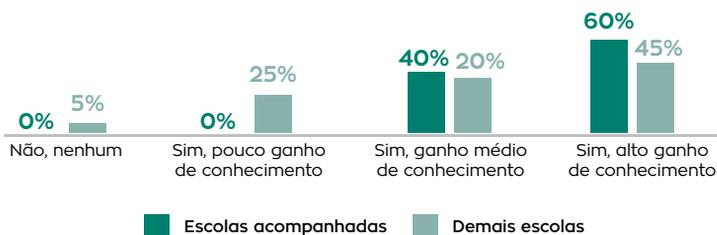
No que tange aos ganhos e mudanças atribuídos ao projeto, 53,3% das 45 escolas participantes atribuem um ganho alto de conhecimento em SM a partir de sua participação no projeto. Na comparação entre os dois grupos de escola, nota-se que entre as demais escolas, 30% atribuem um ganho baixo ou nenhum de conhecimento. Já nas escolas acompanhadas, 100% delas atribuem ganhos alto ou médio de conhecimento.

Gráfico 2: Ganho de conhecimento atribuído ao projeto (geral e por grupo de escolas)

Você considera que o projeto trouxe algum ganho de conhecimento sobre saúde mental para a equipe escolar?



Comparação entre os grupos de escolas



Este ganho de conhecimento envolveria a ampliação do repertório da equipe escolar sobre temas presentes no cotidiano de interação com os estudantes, tais quais estresse, ansiedade, depressão, drogas, TDAH, etc. A forma com que tais temas foram apresentados e trabalhados, por meio de uma linguagem clara e acessível, também ganhou reconhecimento na fala de alguns entrevistados.



“Eu tinha uma visão bem superficial, somente sobre o estresse. Mas ampliou bastante a minha visão. Tanto que nós aqui utilizamos bastante nas nossas reuniões os temas. Nós participávamos da formação e na semana seguinte replicávamos para os professores. Foi muito bom.” (Professor Coordenador – Entrevistas ano 1)

“Olha, teve um que acho que me chamou mais atenção porque eu sou professora de ciências. E sempre trabalhei com os meus alunos o tema, drogas. A noção das drogas foi a que mais me prendeu digamos assim, porque é um tema que eu já trabalhava em sala de aula com os alunos e me agregou bastante porque vieram algumas informações para mim, mais específicas. Achei a palestrante, eu não me lembro o nome dela agora, mas ela a achei fantástica. Todos foram muito bons, mas o das drogas, achei ela muito, muito, muito boa na fala dela, sabe?” (Diretora de escola – Entrevistas ano 2)

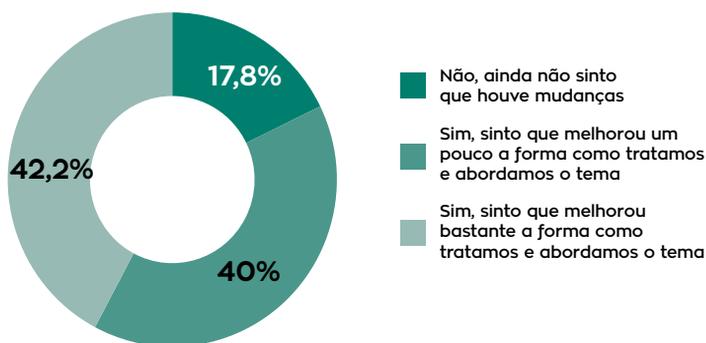
“Dos temas trabalhados, acho que são temas bem pertinentes ao nosso dia a dia da escola. Veio muita informação que eu não tinha conhecimento, agregou bastante. Gostei bastante tanto dos temas como da forma como foi feito o curso, entendeu? Eu só lamento não poder aproveitar tão bem ele por, conta da rotina da escola.” (Professora Coordenadora - Grupos Focais ano 2)

“A linguagem foi muito clara. Apesar de tanto conhecimento, tanto conceito, foi uma linguagem que eu entendi, eu que não sou do ramo da Psicologia. Sou professora. E dava para entender claramente. As dinâmicas foram importantes para nos chamar para aquilo como você pertencente a isso. Você não está à margem do rio. Você está conosco nesse rio e nós vamos nos transformando e todo mundo vai adquirindo mais conhecimento juntos. Então eu sou fã desse projeto. Eu adorei muito tudo!” (Professora atuante em sala de aula - Grupos Focais ano 3)

Já na percepção se ocorreram mudanças sobre como o tema de saúde mental passou a ser tratado na escola, para 82,2% das escolas houve mudanças nesse aspecto, seja esta pouca ou bastante. Na comparação entre os grupos, essa proporção se mantém ligeiramente maior para as escolas acompanhadas.

Gráfico 3: Percepção sobre mudanças na forma com que o tema de SM é tratado na escola

Após o projeto, você consegue perceber mudanças na forma com que o tema da saúde mental é tratado na escola?



Comparação entre os grupos de escolas



Pela fala dos profissionais entrevistados, nota-se que a forma com que o tema de saúde mental é tratado na escola mudou à medida que passou a ser visto de forma diferente pelos profissionais. Uma nova forma de olhar e de encarar os casos de saúde mental na escola, seja entre os alunos quanto entre a equipe, de uma forma mais compreensiva foram alguns dos pontos enfatizados.

“Tanto o conteúdo do curso quanto essa troca de experiência que vocês permitiram. Então, nós chegamos ao final do ano... não tem acontecido o milagre, mas acho que pelo menos o meu olhar foi diferente. Você já conseguia, por exemplo, dar uma resposta. Não uma resposta concreta de um psiquiatra, mas assim, conduziu uma situação de uma outra forma. Então, isso foi muito interessante, porque nós tínhamos, às vezes, muitos alunos para atender e todos com uma crise de ansiedade por um motivo específico. Cada um com problema. E aí, a gente conseguia.”

(Professora Coordenadora – Grupos Focais com Professores Coordenadores ano 2)

“Eu acho que nos faz olhar melhor. Sabe? Ter um olhar diferente para a pessoa, pelo que a pessoa está passando. Muitos professores voltaram com muito medo, voltaram depressivos. Nós tivemos professor que pegou licença, veio, mas logo pegou licença. Então o olhar é diferente. Nós já sabemos o que a pessoa está passando. Então você passa a ser mais compreensivo. Ter mais compreensão naquela situação de cada um, o professor com medo. Então a forma de lidar se torna diferente assim. O olhar se torna diferente.”

(Diretora de escola – Entrevistas Ano 2)

A melhora do manejo dos casos em diversos aspectos são as mudanças mais identificadas por essas escolas. Em 71,1% delas, os profissionais passaram a identificar ou notar possíveis casos de saúde mental entre os alunos; em 64,4% melhoraram a forma como manejam e lidam com casos de saúde mental entre os alunos e; em 57,8% melhoraram o encaminhamento de casos de alunos, no diálogo e acionamento dos responsáveis pelos alunos.

Enquanto o índice de multiplicidade geral para essa questão foi de 4,95, quando observados os grupos, para as escolas acompanhadas o IM é de 5,3 e para as

demais 4,2, o que demonstra que as escolas com mais exposição ao projeto teriam indicado um rol maior de mudanças percebidas. Nota-se ainda que para todas as mudanças, as escolas acompanhadas lideram em termos de frequência, especialmente, no fortalecimento de ações de prevenção e promoção de saúde mental, cuja diferença chegou a três vezes mais do que em relação ao outro grupo.

Após o projeto, você percebe mudanças na sua escola em alguns dos aspectos abaixo?

Não percebo nenhuma mudança ou nada tão significativo	6,7%
Passamos a adotar mais ou novas ações de prevenção e promoção em saúde mental	48,9%
Fortalecemos e aprimoramos ações de prevenção e promoção em saúde mental que já tínhamos	46,7%
Passamos a identificar ou notar possíveis casos de saúde mental entre os alunos	71,1%
Passamos a identificar ou notar possíveis casos de saúde mental entre os professores e funcionários	46,7%
Melhoramos a forma como manejamos e lidamos com casos de saúde mental entre os alunos	64,4%
Melhoramos a forma como manejamos e lidamos com casos de saúde mental entre os professores e funcionários	40,0%
Melhoramos o encaminhamento de casos de alunos, no diálogo e acionamento dos responsáveis pelos alunos	57,8%
Melhoramos o encaminhamento de casos de saúde mental para a rede de atenção psicossocial (serviços e equipamentos de saúde)	42,2%
Conseguimos reduzir o estigma sobre saúde mental entre pessoas da equipe escolar	26,7%
Sentimos que o ambiente escolar está mais acolhedor para todos e todas	40,0%
Outros	6,7%

Essas mudanças traduzem-se em exemplos e situações que são sintetizadas nas falas dos profissionais participantes, sobretudo, dos professores e coordenadores que atuam diretamente com os estudantes manejando muitos dos casos existentes entre eles.

“Aqui, nós atendemos... eu trabalho junto com o professor x, uma média assim, nós tivemos no final do ano e tinha dias que eram vinte pessoas com crises de pânico e ansiedade. E aí, a gente resgatava, sem dúvida o que a gente estava vendo lá com os nossos formadores. O que nós aprendemos lá, por exemplo, e até com os relatos de casos. A necessidade de primeiro você parar, analisar aquela situação de fora e pensar: qual a primeira providência? Nós tínhamos, os alunos que desfaleciam, começavam a tremer e não conseguiam ficar em pé. Então, o que nos faltava era essa noção de, olha, respira, calma, segura a mão dele, vamos lá que é uma crise de ansiedade e vai passar.” (Professora Coordenadora – Grupos Focais com Professores Coordenadores ano 2)

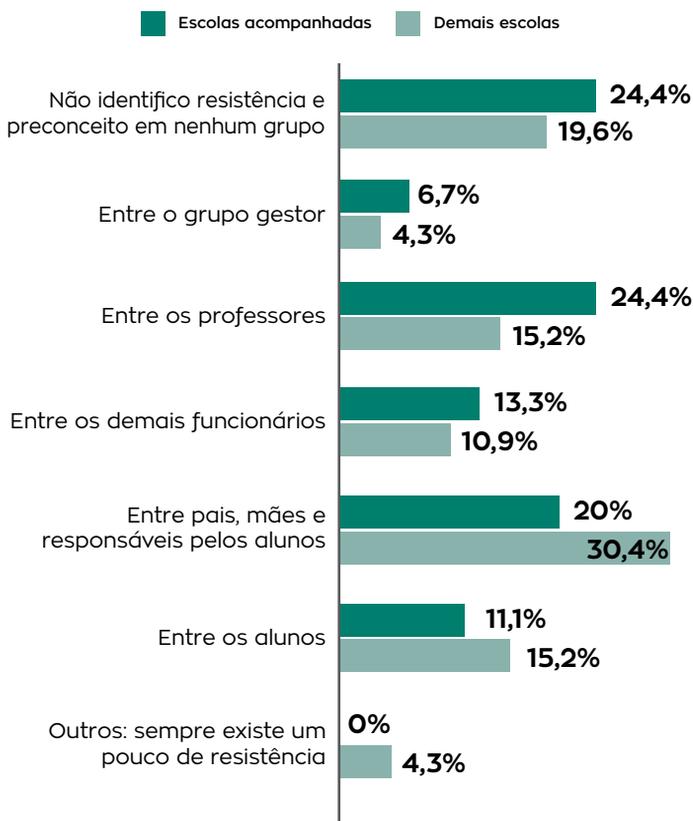
“Nós tivemos, aqui, alunos com ansiedade. E antes de eu participar da formação eu ficava assustada com crise. Eu falava: “Meu Deus. Eu preciso resolver. Você está bem. Você vai ficar bem. Calma”. Não é calma. A pessoa não está calma.! É o que ela não tem. Como é que eu vou pedir? Então: “Senta. Vamos respirar?”. Eu aprendi a ficar calma diante dessa situação e fez toda a diferença.” (Professor atuante em sala de aula – Grupos focais Ano 3)

“Aqui nós temos alunos que estão se cortando. Você olha e tenta conversar. Você aprende a falar, a conversar com eles. Não que você seja profissional da área, mas a não falar porcaria, porque às vezes nós ficamos nervosos. Aí você aprende a olhar diferenciado para essas pessoas. Nós temos casos de depressão. E, quando temos acesso a esse tipo de informação, nos ajuda na condução dentro da sala de aula. É muito bom.”
(Professora atuante em sala de aula – Grupos Focais com Professores Coordenadores ano 3)

Tendo em vista que um dos resultados esperados do projeto, que versa sobre a redução do estigma em saúde mental entre a equipe escolar, buscamos saber se os respondentes identificavam se existia algum tipo de resistência ou preconceito sobre saúde mental entre membros da comunidade escolar. Como questão de múltipla escolha o índice de multiplicidade foi de 1,66 para escolas acompanhadas e 1,77 demais escolas. Entre as demais escolas observa-se que os gestores apontam a família e os responsáveis pelos alunos como principais foco de resistência (30,4%), sendo que entre as escolas acompanhadas este percentual é de 20%. Ainda assim, quase 25% dessas indicam os professores como um público resistente ao tema.

Gráfico 4: Resistência e preconceito em SM entre a comunidade escolar

Na sua percepção, existem pessoas na sua escola que possuem resistência ou preconceito sobre o tema de saúde mental?



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de seus três anos, o projeto Ame Sua Mente na Escola conseguiu prover qualificação e instrumentalização no campo da saúde mental a gestores e professores de 67 escolas sob supervisão da DE Centro Sul, o que corresponde a 93% delas.

Esse alinhamento de toda equipe em torno de um “protocolo de gestão” em saúde mental em comum, que envolve conteúdo e formação teórica, diretrizes e orientações de ação, materiais de apoio, entre outros, é o que o projeto mostra ter instituído com sua passagem. Enquanto protocolo concebemos este como um conjunto de informações, rotina de pensamentos, orientações para a tomada de decisão e caminhos a serem seguidos.

Se antes havia receio e insegurança em abordar o tema da saúde mental e em manejar situações de crise entre os alunos, com a pandemia e a chegada do projeto a pauta passou a ser vista e tratada de outra forma. Nesse sentido, não podemos deixar de considerar que a pandemia foi uma variável que incidiu sobre o projeto de várias formas. De forma negativa, com o fechamento das escolas em 2020, o projeto teve que ser redesenhado e ajustado em termos de atendimento, e mesmo entre os ciclos isso reverberou, fazendo com que ocor-

ressem diversas mudanças repentinas sobre o ingresso ou não de escolas a cada ciclo. Além disso, com o retorno das aulas, as equipes escolares viram-se desafiadas e preocupadas com o aumento de casos de transtornos mentais entre os alunos e mesmo entre seus pares. E foi justamente a relevância do tema da saúde mental, bastante atrelada ao período de isolamento social, que levou o projeto a ganhar mais aderência, importância e a ganhar agenda em meio à rede de ensino.

Enquanto ressalva metodológica, há que se considerar que é impossível mensurar o impacto isolado do projeto, uma vez que estiveram presentes e em curso intervenções da própria SEE-SP, voltadas à melhoria da convivência escola, em todas as escolas da rede. Porém, nas falas daqueles que participam de todas essas intervenções, o perfil e atuação da equipe do IASM e a abordagem do projeto foram destacados como os grandes diferenciais. Os módulos formativos do projeto, abordagem e condução dos formadores foram os pontos mais elogiados da intervenção. No tocante às observações dos momentos de formação, nota-se que ao longo dos anos também houve um aprimoramento e alinhamento dos conteúdos do IASM à realidade das escolas.

A aprovação do projeto é praticamente unânime entre os profissionais que atuam nas escolas. Ainda assim, observou-se um nível de exigência e expectativas distintas sobre o projeto entre profissionais da DE e das escolas, o que pode indicar que a intervenção deveria ter considerado abordagens diferentes para esses dois públicos. Para algumas profissionais da DE, por exemplo, o projeto deveria trazer dicas de como replicar conteúdos de saúde mental em processos formativos nas escolas, o que se relaciona muito com as responsabilidades que elas detêm na rede ensino.

Ainda assim, a avaliação qualitativa traz indícios que, ao formar toda equipe escolar, mudanças no médio e longo prazo poderão ser mais sólidas, do que somente formando um profissional do grupo gestor. Pois, por mais que possam existir resistências entre alguns profissio-

nais, esse alinhamento interno em torno de um protocolo de ação e gestão em casos de saúde mental é um passo grande nesse sentido. O perfil do gestor escolar traz uma grande diferença para que o projeto ganhe espaço na escola também, e para que uma mudança da cultura de saúde mental seja possível, como se observou na escola, cuja diretora tem uma alta adesão ao tema e iniciativas que dialoguem com ele.

Entre os grandes números do projeto Ame Sua Mente destacamos:

- 86,6% das escolas participantes do projeto atribuem a ele um ganho médio ou alto de conhecimento em saúde mental. Entre as escolas acompanhadas (escolas que tiveram mais membros da equipe formados e/ou exposição maior ao projeto), este percentual chega a 100%;
- 82,2% das escolas participantes identificam mudanças positivas na forma como o tema da saúde mental é tratado e abordado, após passarem pelo projeto;
- A melhora do manejo dos casos em diversos aspectos são as mudanças mais identificadas por essas escolas, tais quais:

71,1% das escolas passaram a identificar ou notar possíveis casos de saúde mental entre os alunos;

64,4% das escolas melhoraram a forma como manejam e lidam com casos de saúde mental entre os alunos;

57,8% das escolas melhoraram o encaminhamento de casos de alunos, no diálogo e acionamento dos responsáveis pelos alunos.

- Ao término do projeto, 30,4% das escolas que não foram acompanhadas atribuem aos pais, mães e responsáveis resistência e preconceito em falar sobre o tema da saúde mental. Entre as que tiveram

mais profissionais formados ou maior exposição ao projeto, este percentual foi mais baixo, de 20%. Isso pode sinalizar que o projeto consegue reduzir o estigma dos profissionais das escolas sobre a própria percepção que detêm sobre as famílias dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BIERNAT, M. & DOVIDIO, J. F. Stigma and stereotypes. In *The Social Psychology of Stigma* (eds Heatherton, T. F., Kleck, R. E. & Hebel, M. R.), pp. 88-125. New York: Guilford Press, 2000.

BRASIL. Avaliação de políticas públicas: Guia prático de análise ex ante.V.1. Casa Civil da Presidência da República, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – Brasília: Ipea, 2018.

BRASIL. Avaliação de Políticas Públicas: Guia prático de análise ex post. V.2. Casa Civil da Presidência da República, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. – Brasília: Ipea, 2018.

CRESWELL, John. W. *Research Design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage, 2014.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. *Est. Inter. Psicol., Londrina*, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016,

INSTITUTO PENÍNSULA. *Desafios e Perspectivas da Educação: uma visão dos professores durante a pandemia*. São Paulo, 2021.

MINAYO, M. C. DE S.; ASSIS, S. G. DE; SOUZA, E. R. DE. *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. [s.l.] Editora FIOCRUZ, 2005.

POPE, C.; MAYS, N. Qualitative Research: Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health and health services research. *BMJ*, v. 311, n. 6996, p. 42-45, 1 jul. 1995. POPE, C.; MAYS, N. *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. 2. ed. Reimpressão ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa*

qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

RESSEL LB, BECK CLCB, GUALDA DM, HOFFMANN IC, SILVA RM, SEHNEM GD. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. In: Texto Contexto Enferm, 17(4), 2008.

UMANE